

03/12/2014 - Sinttel

Vítimas do capitalismo: há uma onda de suicídios em grandes empresas francesas?

Ocorrências têm coincidido com privatizações e reestruturações de empresas como a France Télécom, que conta 85 mortes desde 2008; líder sindical acredita que suicídios são fenômeno social e uma forma extrema de protesto



No início deste ano, uma mulher com pouco mais de 50 anos que trabalhava como gerente na empresa de correios francesa foi encontrada enforcada em seu escritório em Paris. Apesar de nenhum bilhete suicida ter sido encontrado, a morte foi ligada ao anúncio de dois dias antes sobre a participação da empresa no "Horizon 2020", um plano de investimento da União Europeia, parte de uma série de reestruturações que irão mudar o status dos trabalhadores na empresa.

A tragédia é parte de uma epidemia de suicídios em grandes empresas francesas. Uma delas é a France Télécom (renomeada Orange em 2013), gigante das telecomunicações cujas "ondas de suicídio" coincidiram com a privatização e reestruturação da empresa.

Doze empregados da France Télécom se mataram em 2008, 19 em 2009, 27 em 2010 e seis em 2011. Apesar de um novo acordo sobre as condições de trabalho ter sido negociado com os sindicatos, os suicídios voltaram a ocorrer, com 11 casos em 2013 e dez desde o início de 2014.

Suicídios relacionados ao trabalho são um fe-

nômeno internacional, como evidenciados pela enxurrada de mortes nas fábricas de produção da Foxconn no sul da China em 2010 ou pelo fenômeno do "karoshi", morte por excesso de trabalho, no Japão. A França se destaca pelo grande número destas ocorrências, pela cobertura da mídia sobre a questão e pelos intensos debates jurídicos e políticos que se seguiram. Com uma taxa de suicídios de 14,7 por 100.000 habitantes, a França também tem um dos índices mais altos da Europa, o dobro do Reino Unido e três vezes maior do que Espanha e Itália.

A conexão entre o suicídio e as condições de trabalho é extremamente difícil de ser estabelecida e é geralmente o resultado de longos processos judiciais realizados pela família da vítima contra a empresa. Mas na France Télécom algumas pessoas deixaram cartas, que depois foram publicadas na imprensa francesa, que culpavam o trabalho de forma explícita. Os chefes reagiram tentando individualizar as causas dos suicídios, atribuindo-as a problemas mentais ou emocionais dos indivíduos e desassociando-as de qualquer relação com o local de trabalho.

Uma nova estrutura sindical criada em 2007, o Observatório do Estresse e da Mobilidade Forçada (L'Observatoire du stress et des mobilités forcées), tem tido um papel crucial para o reconhecimento dos suicídios ligados ao trabalho como um fenômeno social na França. Frente à hostilidade das empresas e dos sindicatos tradicionais, o Observatório tem conseguido trazer a atenção pública aos suicídios.

Em entrevista, Patrick Ackermann, líder sindicalista no Solidaires Unitaires Démocratiques (SUD) e um dos fundadores do Observatório, comenta o trabalho que tem sido desenvolvido com relação aos suicídios.



Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação e Publicidade Ltda | Jornalistas Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

Jacobin: Como o Observatório foi criado?

Patrick Ackermann: Sabíamos que havia um mal-estar generalizado entre muitos trabalhadores da France Télécom. Então aconteceram os primeiros suicídios em 2008. As vítimas eram de todos os escalões: gestores, técnicos, operadores de call-center e administradores. Entre estes, alguns membros do sindicato.

Pedimos para a gerência investigar a situação, mas eles se recusaram. A maioria dos outros sindicatos estavam relutantes em intervir na questão dos suicídios. Tivemos a ideia de criar um novo tipo de estrutura sindical que monitoraria os suicídios, providenciando evidências claras sobre o que estava acontecendo e usando isso para confrontar a chefia.

Foi uma luta para tirar a ideia do papel. Estávamos isolados, sem recursos e encarando grande hostilidade. Os outros sindicatos achavam inapropriado ou até mesmo grosseiro da nossa parte em querer registrar os suicídios dos trabalhadores. Acho que subestimaram completamente a dimensão social do problema.

Desde o início nos preocupamos em não focar em casos individuais, mas de olhar para as causas fundamentais e tratar a questão como um fenômeno social generalizado.

O que o Observatório fez para abordar a crise dos suicídios?

Queríamos investigar a causa dos suicídios, acumular evidência e publicar os nossos achados. Uma das nossas primeiras iniciativas foi enviar um questionário online para todos os empregados da France Télécom com o intuito de medir os níveis de estresse no trabalho.

Os resultados comprovaram níveis críticos de estresse entre os trabalhadores. Dois a cada três empregados sofriam de estresse relacionado ao trabalho e um a cada dois queriam deixar a empresa. Obviamente a chefia rejeitou esta evidência, mencionando um questionário anterior feito por eles mesmos entre os empregados, apesar desses resultados nunca terem sido divulgados.

Como vocês usaram a mídia e a opinião pública como uma ferramenta na campanha?

Para cada suicídio que acontecia, contatávamos a imprensa. No começo, apenas tabloides ou jornais direitistas como Le Figaro se interessaram. No entanto, pouco depois, a grande imprensa e a televisão começaram a prestar atenção.

Em julho de 2009 houve um caso de suicídio de um engenheiro de 51 anos que deixou uma carta que foi publicada pela imprensa. Sua carta culpava o trabalho explicitamente como o motivo de sua morte, e dizia: " Eu estou tirando a minha vida por causa do meu trabalho na France Télécom. É o único motivo". Ele também se referiu a uma "gestão através do terror" e ao estresse constante no trabalho. O suicídio desencadeou uma petição e uma manifestação dos funcionários de Marselha, onde ele trabalhava. A isso seguiu-se uma mobilização a nível nacional.

Uma série de programas televisivos tratou dos suicídios e o governo francês começou a se preocupar. O ministro do trabalho da época, Xavier Darcos, pediu que Didier Lombard, então CEO da France Télécom, organizasse uma entrevista coletiva como uma tentativa de acalmar a situação. Durante a coletiva, Lombard declarou: " Essa moda de suicídio precisa parar". Muitas pessoas ficaram chocadas com a sua insensibilidade.

Por que você acha que os sindicatos tiveram tanta dificuldade em lidar com os suicídios ligados ao trabalho?

O Observatório conseguiu articular o sofrimento das pessoas no espaço de trabalho que não é necessariamente ligado às condições materiais ou físicas, mas a uma sensação de angústia profundamente enraizada. Isso vem de formas de gestão que submetem os indivíduos a pressões psicológicas e destrói o relacionamento deles ou delas com o trabalho e com os demais.

Leia mais em:

<http://sinttel-es.org.br/novo/noticia/vitimas-do-capitalismo-ha-uma-onda-de-suicidios-em-grandes-empresas-francesas/>



Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação e Publicidade Ltda | Jornalistas Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

04/12/2014 - Sinttel-ES

Lucro de empresas e bancos está à frente da segurança alimentar

O Brasil consome mais de um bilhão de litros de venenos agrícolas por ano. Isso representa 20% de todos os venenos consumidos no mundo, embora sejamos responsáveis por apenas 3% da produção agrícola mundial.

Despejamos 15 litros de venenos por hectare cultivado. Essa realidade não tem paralelo com nenhuma agricultura do mundo, nem há nenhum manual de agronomia que faça tal recomendação.

Esses venenos de origem química são produzidos por poucas grandes empresas transnacionais. Segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), somente as dez maiores empresas do setor foram responsáveis por 75% das vendas de agrotóxicos na última safra.

Isso lhes permite a maior taxa de lucro do mundo: US\$ 8,5 bilhões de dólares na safra 2010/2011, e ainda desovam por aqui seus estoques de venenos proibidos em outros países.

Os venenos matam. Matam a biodiversidade existente na natureza, já que o agronegócio visa ao monocultivo absoluto, seja de soja, milho, algodão, cana ou pastagem extensiva. Mata os nutrientes, empobrece o solo e contamina o lençol freático fazendo com que muitas cidades com poço artesianos encontrem resíduos inaceitáveis para o consumo humano.

Os venenos também contaminam as chuvas. Quando o veneno secante não é absorvido, sobe para atmosfera e volta democraticamente para todos habitantes com a chuva. Mas, sobretudo, os venenos contaminam nossos alimentos. A Anvisa faz testes por amostragem apenas em algumas cidades a cada seis meses.

Mesmo com os níveis alarmantes, nenhum supermercado cumpre a lei do consumidor, que obriga que o rótulo ou a gôndola dos produtos avisem que aquele alimento é transgênico ou possui veneno.

Resultado: segundo os cientistas do Inca (Instituto Nacional do Câncer), a cada ano, 500 mil brasileiros são acometidos por câncer, grande parte originário dos venenos dos alimentos. Quase metade destes brasileiros irá a óbito.

Em todos os países da Europa a pulverização aérea de veneno é proibida. Aqui no Brasil, porém, é a mais usada, causando todo tipo de consequência à natureza, aos rios e às pessoas. No ano passado, uma escola rural de Goiás foi atingida, causando problemas a centenas de crianças.

Na Holanda, por exemplo, já está proibido o uso do Glifosato, o mais usado no Brasil. Cientistas conseguiram comprovar que os agrotóxicos causam alterações genéticas e aumentam as probabilidades de contrair câncer, sofrer abortos espontâneos e nascimentos com malformações.

O Brasil, no entanto, caminha no sentido contrário da modernidade e da proteção da vida. Porque aqui, o lucro das empresas transnacionais e dos bancos que as financiam vem em primeiro lugar. E, ainda mais, o agronegócio tem hegemonia completa na mídia brasileira, que todo dia faz sua propaganda ideológica.

O Ministério da Agricultura, em vez de ser rigoroso no controle dos venenos, os libera – como é o caso do chamado D-4, proibido na maioria dos países. No Congresso Nacional, o agronegócio também tem hegemonia, com os deputados ruralistas se orgulhando desse modelo. Havia um deputado, líder ruralista, que defendia com entusiasmo o uso de agrotóxicos, alegando progresso e modernidade para agricultura. Deixou de fazê-lo. Há dois anos, Homero Pereira morreu de câncer no estômago.

Leia mais em:

<http://sinttel-es.org.br/novo/noticia/lucro-de-empresas-e-bancos-esta-a-frente-da-seguranca-alimentar3-de-dezembro-de-2014/>



04/12/2014 - Telesíntese

TIM comunica ao mercado que paga à vista R\$ 1,67 bi pela faixa de 700 MHz

A operadora informou hoje à Comissão de Valores Mobiliários que fez o depósito de R\$ 1,678 bilhão pela aquisição de um bloco nacional da frequência de 700 MHz, a ser usada na 4G. A TIM ofereceu no leilão R\$ 1,9 bilhão, mas como a Oi não participou da disputa, o valor que caberia à concessionária pagar para os radiodifusores desocuparem o espectro de 700 MHz foi rateado entre as quatro que compraram a frequência: Algar Telecom, Claro, TIM e Vivo. O valor a ser pago pela Algar é bem menor porque a empresa só adquiriu uma faixa regional. No total, as emissoras de TV e a população de baixa renda que vai receber o conversor digital receberão das operadoras de celular, R\$ 3,6 bilhões.

A operadora informou hoje à Comissão de Valores Mobiliários que fez o depósito de R\$ 1,678 bilhão pela aquisição de um bloco nacional da frequência de 700 MHz, a ser usada na 4G.

No comunicado a empresa diz ainda considerar o satisfatório o resultado de sua participação no leilão de 700MHz e "trabalhará proativamente para acelerar o calendário de limpeza do espectro, com objetivo de antecipar o uso comercial, um importante passo para promover a modernização digital no Brasil".

O questionamento

O informe não faz qualquer referência ao valor que será questionado na justiça – de R\$ 60 milhões – que teria sido cobrado a mais da empresa, pelo pagamento da limpeza do espectro de 700 MHz. A Anatel nega que errou nos cálculos – mas a disputa se dá pelo que seria um ganho da empresa com a

dedução do imposto pelo diferimento deste pagamento.

Em entrevista nesta semana o CEO da operadora, Rodrigo Abreu, explicou que o valor controverso é muito pequeno frente ao principal que seria depositado, mas que a empresa o estava questionando porque as regras do edital não contemplavam esta forma de cálculo apresentada pela Anatel.

A TIM ofereceu no leilão R\$ 1,9 bilhão, mas como a Oi não participou da disputa, o valor que caberia à concessionária pagar para os radiodifusores desocuparem o espectro de 700 MHz foi rateado entre as quatro que compraram a frequência: Algar Telecom, Claro, TIM e Vivo. O valor a ser pago pela Algar é bem menor porque a empresa só adquiriu uma faixa regional. No total, as emissoras de TV e a população de baixa renda que vai receber o conversor digital receberão das operadoras de celular, R\$ 3,6 bilhões.



03/12/2014 - Telesintese

Telecom Italia não tem pressa e conselho só volta a tratar da Oi em 2015

Uma das questões que estão em estudo pelos italianos é o peso da concessão brasileira e a sua reversibilidade, explicam fontes da operadora.

A Telecom Italia, dona TIM Brasil, revelou nesta terça-feira que o seu conselho de administração não vai se reunir mais este ano para analisar qualquer proposta sobre o mercado brasileiro e fusão da Oi e a TIM.

O presidente do conselho da operadora italiana, Giuseppe Recchi, fez esta declaração em conferência realizada em Roma. Alguns analistas avaliam que a proposta de fusão das duas empresas iria se acelerar com a venda, pela Oi, da Portugal Telecom, pelo preço de 7,4 bilhões de euros. Conforme o CEO da Oi, Bayard Gontijo, o dinheiro arrecadado com a venda a PT será integralmente canalizado para o processo de consolidação do mercado brasileiro.

Mas a Oi continua a trabalhar pelo fatiamento da TIM, de maneira a fazer com que esta consolidação caiba no bolso da operadora, que está muito alavancada

A visão da TIM

Um dos problemas para a Telecom Italia adquirir a Oi – seu CEO Marco Patuano havia dito que vê sinergias de R\$ 7 a R\$ 11 bilhões- é o regime legal dos ativos da concessionária brasileira. Como grande parte de sua rede faz parte da concessão da telefonia fixa – o que significa que seus bens serão reversíveis à União em 2025-, há ainda muita polêmica sobre este tema, afastando o interesse imediato pela empresa, argumenta fonte da TIM.

03/12/2014 - Teletime

Teles investiram até setembro 8% a mais na comparação com 2013

As operadoras de telecomunicações representadas pelo SindiTeleBrasil investiram até setembro R\$ 19 bilhões, cifra que é 8% maior que o montante investido no mesmo período do ano passado, de R\$ 17,6 bilhões, quando o investimento já havia sido recorde. A receita bruta do setor até setembro cresceu 4%, chegando a R\$ 174 bilhões.

Na comparação de outubro de 2014 com outubro de 2013, a base de celulares cresceu 3%, chegando a 279 milhões de acessos. A telefonia fixa, na mesma comparação, cresceu 2%, chegando a 46 milhões de residências; e a TV por assinatura, por sua vez, chegou a 20 milhões de lares, com crescimento de 13%. Na banda larga, aí incluindo os acessos fixos e móveis, o crescimento foi de 46%, chegando a 179,1 milhões de acessos.

A banda larga móvel, pelas redes de 3G e 4G, liderou a expansão dos acessos à Internet, chegando em

outubro a 155,3 milhões de conexões, com 54% de crescimento em relação a outubro de 2013. A banda larga pela tecnologia de quarta geração (4G) já conta com 5 milhões de acessos.

Na banda larga fixa, os acessos somaram 23,8 milhões em outubro. Desse total, 2,2 milhões de conexões foram ativadas nos últimos doze meses, com crescimento de 10% no período.

Até o final do ano, o Sindicato prevê que a telefonia móvel chegará a 280 milhões de acessos, o que significa 9 milhões de novos acessos no ano. Já a banda larga fixa e móvel, segundo as previsões do SindiTeleBrasil, deve chegar a 187 milhões de acessos, o que significa crescimento de 48% no ano.

A cobertura 3G até outubro chegou a 3.809 municípios, abrangendo 92% da população; enquanto a cobertura 4G já atinge 40% da população, com 129 municípios.



03/12/2014 - Rede Brasil Atual

Dilma anuncia R\$ 200 milhões para catadores de recicláveis e inclusão no Pronatec

Prefeito Fernando Haddad também anunciou um convênio com o BNDES para o investimento de R\$ 40 milhões na reestruturação das centrais de triagem manual de materiais recicláveis de São Paulo

A presidenta Dilma Rousseff anunciou hoje (3) a terceira edição do Programa Cataforte, que oferece apoio para cooperativas de catadores de materiais recicláveis se estruturarem e atuarem em rede. Estão previstos investimentos de R\$ 200 milhões em empreendimentos que possibilitem a inserção de cooperativas no mercado da reciclagem em todo o país. “ Cada vez mais olhamos para os catadores como uma pequena empresa. Essas hoje respondem por 80% dos empregos no Brasil. Nós temos de dar a mesma importância econômica para os catadores”, ressaltou Dilma.

Os anúncios foram feitos para cerca de 2 mil pessoas durante a Celebração de Natal com os Catadores, encerramento da 5ª Expocatadores, realizada no Pavilhão de Exposições do Anhembi, na zona norte da capital paulista, com trabalhadores do setor de 17 países latino-americanos. Na feira, os profissionais discutem políticas públicas, apresentam e conhecem modelos de coleta seletiva, fazem negócios e projetam ações para o ano seguinte.

Segundo Dilma, o fortalecimento das cooperativas é fundamental para garantir eficiência no trato dos resíduos sólidos, combatendo a ideia de manter lixões e incineradores de lixo em funcionamento, ao mesmo tempo em que cria renda e movimentam o mercado interno brasileiro. “ É aí que a gente ganha dos incineradores. Mostrando que há uma forma muito mais econômica de processar os resíduos e que vocês terão aumento de renda. O que é bom para o Brasil e para todas as classes sociais”, disse.

Em 2014, o Cataforte investiu R\$ 100 milhões.

Nesta terceira etapa, o governo federal pretende alcançar 250 empreendimentos solidários e cerca de 10 mil catadores, chegando a 35 redes formadas.

Dilma também anunciou a ampliação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec) para a população em situação de rua, com a incorporação dos catadores de materiais recicláveis ao atendimento pelo programa. Ao todo serão criadas duas mil novas vagas, com formação voltada aos profissionais da reciclagem.

No evento, a presidenta entregou os diplomas de 11 estudantes do Pronatec para a população em situação de rua, em nome dos mil formandos que participaram de cursos neste ano. “ Nossa concepção é que todos os brasileiros têm direitos e oportunidades iguais. É por isso que nós lutamos. Para garantir a todos condições de vida dignas”, exaltou Dilma.

A presidenta ainda retomou a afirmação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da Expocatadores, na segunda-feira (1º), de que os governantes devem sempre ser pressionados pelos movimentos. “ A gente só faz mesmo se for cobrado. O mundo é assim”, afirmou Lula.

“ Estou sempre buscando cumprir as metas que nós acordamos aqui. E aquelas que eu não cumprir vocês têm de cobrar”, comentou Dilma, ao apresentar o número de equipes dos Consultórios de Rua atuando atualmente: 123, três a mais do que havia sido acordado em 2013.

Leia mais em:

<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/12/dilma-anuncia-r-200-milhoes-para-catadores-de-reciclavveis-e-inclusao-no-pronatec-834.html>



03/12/2014 - Portal Vermelho

Investimentos na economia devem superar R\$ 4,1 trilhões de 2015 a 2018

Os investimentos na economia brasileira devem superar R\$ 4,1 trilhões no período de 2015 a 2018, segundo estimativas divulgadas nesta quarta-feira (3) pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O valor é 17,1% superior ao previsto para o período de 2010 a 2013, de acordo com o banco.

A maior parte dos investimentos (R\$ 1,6 trilhão) deverá ser feita no setor de agricultura e serviços. Nesse segmento, o aumento deve ser 11% em relação ao período de 2010-2013. Já o maior crescimento é esperado no setor aeroespacial (187%), segmento que deverá receber R\$ 12 bilhões nos próximos quatro anos.

Outro setor que deverá concentrar boa parte dos investimentos são as residências (R\$ 963 bilhões, ou seja, 19% a mais). A indústria deve receber investimentos de R\$ 909 bilhões no período, ou seja, 18,5% a mais do que no período 2010-2013.

No segmento industrial, destacam-se investimentos em petróleo e gás (R\$ 509 bilhões, ou seja, 42,1% a mais), demais setores (R\$ 121 bilhões, ou 8% a mais) e automotivo (R\$ 59 bilhões, ou 0,4%). A indústria aeroespacial deverá ter o maior crescimento entre todos: 187%, somando investimentos de R\$ 12 bilhões.

O BNDES também espera quedas de investimentos em pelo menos quatro setores da indústria: sucroenergético (-40,5%), siderúrgico (-38,5%), alimentos (-15,8%) e extrativa mineral (-8%).

Já os investimentos em infraestrutura devem somar R\$ 598 bilhões no período 2015-2018. A estimativa é 30,8% superior ao período 2010-2013.

O setor elétrico terá investimentos de R\$ 192 bilhões (crescimento de 0,5%), enquanto as telecomunicações deverão receber R\$ 141 bilhões (37,8% a mais).

Os demais setores da infraestrutura deverão receber os seguintes volumes de investimentos: infraestrutura social (R\$ 87 bilhões), rodovias (R\$ 80 bilhões), ferrovias (R\$ 45 bilhões), portos (R\$ 36 bilhões) e aeroportos (R\$ 16 bilhões).

O superintendente da Área de Pesquisas Econômicas do IBGE, Fernando Puga, destacou que o crescimento de 17% é importante, mas o principal destaque da pesquisa é o perfil desses investimentos, que nos próximos quatro anos deverão uma qualidade maior do que os realizados nos quatro anos anteriores.

“É uma mudança na qualidade com o investimento mais intensivo em tecnologia e menos em capital. No setor de petróleo e gás, há uma perspectiva mais desafiadora que é explorar o petróleo na camada pré-sal. Nas telecomunicações, serão investimentos pesados em 4G que requerem alta tecnologia. Na energia elétrica, teremos investimentos muito maiores nas energias novas. Temos uma mudança na qualidade dos investimentos”, disse.

03/12/2014 - Altamiro Borges

Globeleza e o mito da interatividade

Interatividade é um dos nomes que ganham a feroz competição em que tevê e internet se engalfinham, de olho no futuro próximo da comunicação de massa.

A tevê, por tradição, impõe um padrão de recepção passiva, o espectador escarrapachado na poltrona a engolir a indigente, ou indigesta, dieta que lhe é apresentada. A web, ao contrário, é hiperativa, excita o usuário a uma relação de afirmação e autonomia, liberta o internauta das amarras da grade fixa de qualquer programação.

Para estancar a irremediável migração da informação e do entretenimento para a internet, a televisão esforça-se para abrir caminhos para que o espectador saia da pasmeira e consiga interagir com aquilo que aprendeu a assistir com distancia-

mento.

Reality shows como o BBB e A Fazenda oferecem a ilusão de poder decisório. Emissões como The Voice Brasil aproximam emocionalmente candidatos, artistas e seu vasto auditório eletrônico. Mas no geral o convite à participação é tão risível quanto as perguntas feitas durante partidas de futebol aos comentaristas sabichões.

A Globo chegou a pensar em deixar nas mãos, aliás, nos olhos e na fantasia dos que a frequentam a escolha da nova Globeleza, a sacolejante sílfide que preside as noitadas de carnaval tendo como figurino uma pintura de pele. Desistiu. Talvez não confie nos critérios estéticos da audiência. Talvez seja um exagero de democracia com o qual o padrão Globo não está acostumado.

